

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO AMBIENTE DA ACADEMIA

OLIVEIRA, Anderson.¹
SANTOS, Andressa C.²
LYRA, Vanessa B.³

Resumo

Este trabalho visa trazer à tona o debate sobre violência de gênero nas academias. Um tema tão atual e, mesmo assim, pouco comentado em um ambiente que, por causa de suas particularidades, equilibra ao mesmo tempo a preocupação legítima em fomentar a saúde do ser humano e ao mesmo tempo forçar uma cultura de imagem inatingível onde o ser humano é reduzido a um padrão de beleza impossível e a produtos associados a esse estilo de vida. Durante a história do ocidente, a mulher foi tratada desde cidadão de segunda classe até moeda de troca para acordos familiares e, talvez, por isso mulheres sejam mais julgadas em qualquer ambiente que venham a frequentar. Heleieth Saffioti, Pierre Bourdieu e outros autores foram utilizados para a sustentação teórica desta pesquisa. Coleta de dados foi realizada via formulário on-line. As participantes da pesquisa 96% afirmaram terem conhecimento sobre o que é violência de gênero, 80% afirmou nunca ter sofrido essa violência e 63% afirmou já ter sofrido atitudes comuns de violência de gênero sendo as principais, olhares intimidadores (89%) e comentários constrangedores (58%). As participantes também responderam sobre presenciar episódios de violência de gênero com terceiros e apresentou que 57% já presenciou tais situações, sendo comentários constrangedores (71%) e olhares intimidadores (65%) as situações de maior prevalência.

Palavras chave

Violência de Gênero, Violência, Ocupações em Saúde, Identidade de Gênero, Educação Física .

Abstract

This paper aims to bring forth the debate on gender violence in the gym. This is a theme that is so current and yet rarely commented on in an environment that, because of its particularities, balances both the legitimate concern to foster the health of the human being and at the same time to force an unattainable body image where the human being is reduced to a pattern of impossible beauty standards and the products associated with that lifestyle. During the history of the West, women have been treated ranging from second-class citizens to bargaining chips for family arrangements, and perhaps for this reason women are judged more harshly in environment they may attend. Heleieth Saffioti, Pierre Bourdieu and other authors were used for the theoretical support of this research. Data collection was performed via online form. Participants in the survey stated that they had knowledge about what gender violence

¹ Acadêmico do Curso de Bacharelado em Educação Física(UCS)

² Acadêmica do Curso de Bacharelado em Educação Física(UCS)

³ Doutora em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professora nos cursos de Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física (UCS).

was(96%), 80% said they had never suffered such violence and 63% said they had suffered common attitudes of gender violence with the main occurrence being intimidating glares (89%) and embarrassing comments (58%). The participants also answered that they witnessed episodes of gender violence with third parties and showed that 57% had already witnessed these situations, with embarrassing comments (71%) and intimidating glares (65%) being the most prevalent situations.

Keywords: Gender-Based Violence, Violence, Health Occupations, Gender identity, Physical Education.

Introdução

O presente estudo visa trazer à tona o debate sobre a violência de gênero no ambiente da academia. Este é um tema atual e pouco discutido e, ao mesmo tempo, muito presente, pois o ambiente eleito pode facilitar o entendimento de que os envolvidos sejam reduzidos a apenas uma imagem e um padrão corporal, este por sua vez, induzido por fenômenos presentes na sociedade atual.

Na maioria das vezes este padrão de corpo é inalcançável e/ou insustentável de forma saudável. Talvez a partir dessa perspectiva aliada a um histórico de desvalorização da figura da mulher, as mulheres acabam sofrendo com julgamentos e atitudes violentas nos lugares onde frequentam. Os números registrados sobre violência contra mulher em Caxias do Sul, mostram uma confirmação da gravidade e da necessidade de tratar sobre esses assuntos. No ano de 2017 foram registrados 7 feminicídios, destes apenas 2 foram atendidos no Centro de referência da mulher (CRM), 1 tinha apenas cadastro e 4 nunca haviam passado pelo serviço. Dentre os tipos de violência mais reportados pelas mulheres que passam pelo referido serviço estão, a psicológica (61%), violência física (48%) e até mesmo, ameaças de morte (24%).

Baseando-se nos dados destacados, podemos considerar que mulheres sofrem violência em várias situações cotidianas. Seria, então, possível afirmar que dentro do ambiente da academia essa violência também ocorre? Diante deste questionamento, surge o objetivo geral deste estudo: investigar a ocorrência de episódios de violência de gênero no ambiente da academia, na cidade de Caxias do Sul. Para que pudéssemos quantificar e avaliar essas ocorrências aplicamos um questionário em praticantes de qualquer modalidade que as academias de Caxias do Sul oferecem. O questionário foi constituído com base em um instrumento oficial

utilizado nas entrevistas feitas com mulheres que são encaminhadas ao Centro de Referência da Mulher (CRM), em Caxias do Sul. Cabe destacar que tal estabelecimento é regulamentado pelo Decreto nº 12.451/2005, e é um espaço de acolhimento e de escuta, que recebe denúncias de violência de gênero onde são esclarecidos e apresentados os direitos das mulheres e, também, prestam atendimento social e jurídico. O referido questionário apresenta dados da vítima, do agressor e da ação sofrida pela vítima. Para além aborda temas que tangenciam a rede de apoio, avaliação e percepção dos riscos existentes diante da situação relatada.

Para delimitação da pesquisa foram selecionadas mulheres acima de 18 que participaram de um programa de treinamento nos últimos dois anos. Segundo a padronização e forma de abordagem ela é uma pesquisa de natureza Qualitativa, Transversal, de caráter Descritivo. Apoiou-se, por sua vez, no método de abordagem Indutivo e no método Exploratório, como procedimento.

Referencial teórico

Para dar sustentação a esta pesquisa foi utilizada bibliografia tanto jurídica quanto de análises sociológicas. Primeiro, valeu-se dos conceitos e análises de relações de violências sociais feitas por Pierre Bourdieu que em sua obra, “O Poder Simbólico” conceitua a **Violência Simbólica**, que é uma espécie de fenômeno de violência “oculta” que aparece por detrás de discursos, da cultura de um povo, suas músicas, ações que “sempre foram assim”, numa eterna dança entre o agressor querendo agredir e a vítima sendo forçada a aceitar ser ferida, embora não necessariamente um ou ambos estejam cientes de que estão perpetrando ou recebendo uma forma de violência, a tentativa de quebra desse ciclo por parte da vítima muito vezes a leva a marginalização, tornando-se uma espécie de pária social, visto que está atentando contra a norma social, com o agressor então assumindo um torpe papel de injustiçado por aquela pessoa insensata, que está indo contra os costumes que sempre fizeram a sociedade “funcionar bem” (BOURDIEU, 1989).

Buscando respaldo jurídico na legislação Brasileira a fim de lapidar um dos tipos de violência que pode ser sofrida por essa população, foi constatado que existe no Código Penal o crime de assédio sexual, porém para que ele seja tipificado neste artigo o agressor e a vítima necessitam de um vínculo empregatício ou de professor

e aluno, pois para o Código Penal Brasileiro no artigo 216-A, assédio sexual compreende o ato de: “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”. Assim sendo, um episódio de assédio sexual ocorrido sem ligação laboral entre vítima e agressor acaba por ser enquadrado em outros tipos penais mais amenos, como por exemplo o Artigo 61 do Código de Contravenções Penais, importunação ofensiva ao pudor “importunar alguém, em lugar público ou acessível ao público, de modo ofensivo ao pudor”.

Violência de Gênero

Violência de gênero envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo (GROSSI, 2012, p 74), ou seja qualquer ação que submeta a uma inferiorização, humilhação ou constrangimento em uma pessoa por conta de seu gênero é considerada uma violência. Diante de tantos tipos de violência este é um dos termos que vem sendo utilizado principalmente para se referir a violência contra mulheres, esse termo envolve sim a violência contra mulheres uma vez que a violência de gênero acaba sendo mais danosa quando se é praticada por um homem contra uma mulher, devido a todo contexto histórico e cultural de desvalorização das mulheres, isso se reforça quando observamos que o tipo de violência varia na sua forma e muitas vezes na crueldade com que é praticado de acordo com o gênero, e principalmente se o violentado for do sexo feminino, há casos em que a violência é diretamente praticada para atingir somente o sexo feminino, um exemplo disso é que em períodos de guerra, mulheres eram utilizadas como estratégia com a reprodução forçada e até mesmo eram entregues como presente, ou seja ao longo da história mulheres são utilizadas como objetos e consideradas sem autoridade para ter controle sobre seu próprio corpo” As mulheres são propriedades, mas também pessoas; diz-se que as mulheres têm e não têm as aptidões necessárias para fazer contratos - e o contrato exige que sua feminilidade seja negada e afirmada.”(PATEMAN, 1993, p.93) . A violência também acontece quando se é do sexo masculino e há uma forma de humilhação indicando uma “fragilidade feminina” salientando mais ainda que aos olhos da sociedade muitas vezes a mulher é um ser inferior. “A passividade que caracteriza essencialmente a

mulher “feminina” é traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico na verdade é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.”

(BEAUVOIR, 1980, p 21)

Essa diferença é resultado de uma educação imposta desde criança para que meninos e meninas tenham perfis sociais diferentes, e aqueles que não se adequam a esses perfis sofrem retaliações ou até mesmo castigos físicos. O menino deve ser sempre a representação da masculinidade com características de bravura, força e ausência na demonstração de seus sentimentos, pois estes são sinais de fraqueza, futuramente sendo um provedor do sustento de um lar. Por outro lado a menina tende a ser delicada e submissa preocupando-se apenas com agradar e parece bela, dentro dos padrões impostos pela sociedade, deve também ser preocupada com serviços domésticos e a criação dos filhos.

Apesar de hoje em dia termos feito alguns avanços, ainda existe enraizada em alguns comportamentos reforços dessa padronização na criação de homens e mulheres, considerando que na maioria das vezes, se não em todas, a mulher tem um valor menor em suas funções tendo que se reforçar constantemente para alcançar seus objetivos.

Devemos ainda elencar a diferença entre as diferenças entre o conceito de gênero e o conceito de sexo, que embora muitas vezes sejam utilizados de forma permutável, segundo Almeida (2018) esse uso de termos expõe pensamentos ideológicos bem contrastantes, gênero costuma conotar uma identidade sexual e histórica do corpo humano, levando em consideração a fluidez e transformações que um indivíduo pode passar perante o convívio social, já a terminologia sexo busca uma visão biológica e considera as diferenças de genótipo entre pessoas tudo que define sua identidade, desconsiderando pessoas que não se identificam com o gênero oposto ao sexo que nasceram (pessoas trans) ou que sequer se identificam com qualquer gênero ou variação dos mesmos.

Heleieth Saffioti em seu livro *Gênero, Patriarcado e Violência*, de 2004 faz uma observação sobre a construção cultural do gênero onde o gênero masculino acaba se sobressaindo sobre gênero feminino, ressalta também que a violência de gênero não se limita única e exclusivamente à violência doméstica ou à violência contra mulher, no entanto, a relação mais danosa e comum ocorre quando a violência é perpetrada por um homem contra uma mulher.

(...)Como se trata de relações regidas pela gramática sexual, podem ser compreendidas pela violência de gênero. Mais do que isto, tais violências podem caracterizar-se como *violência doméstica*, dependendo das circunstâncias. Fica, assim, patenteado que a violência de gênero pode ser perpetrada por um homem contra outro, por uma mulher contra outra. Todavia, o vetor mais amplamente difundido da *violência de gênero* caminha no sentido homem contra mulher, tendo a falocracia como caldo de cultura. (SAFFIOTI, 2004, p.71).

Metodologia

Caracterização da pesquisa

Segundo a padronização e forma de abordagem esta pesquisa teve natureza **Qualitativa**, tal qual Thomas e Nelson (2002) escreveram em seu livro, as características básicas da pesquisa qualitativa se dão por observações longas e entrevista do objeto de estudo, registro do acontecimento e interpretação e análise dos dados por meio da utilização da estatística descritiva e da estatística, também descritiva.

Se caracteriza também **Quantitativa** pois prevê que o pesquisador realize a coleta de dados para a elaboração de teste se hipóteses baseados na medição numérica e na análise estatística. (PEROVANO, 2016)

Foi realizado um estudo **Transversal** visto que é em um recorte de tempo, o estudo transversal é uma modalidade de coleta de dados em que os pesquisadores sem interferir no meio estudado realizam uma coleta de dados a fim de posteriormente analisá-la, portanto os estudos transversais são uma categoria de estudos observacionais (BASTOS; DUQUIA, 2007).

Este estudo teve caráter **Descritivo** visto que buscamos conhecer e identificar violências sendo cometidas no âmbito da academia de musculação (TRIVIÑOS, 2012). O método de abordagem utilizado nesta pesquisa foi o **Indutivo**, pois parte da enumeração de dados e experiências ou casos particulares para se chegar a conclusões finais. (BASTOS, 1998). O método de procedimento utilizado nesta pesquisa foi o **Exploratório** que caracteriza-se pela leitura total das respostas para se obter uma conclusão. (HÜHNE apud THUMS (2003).

O instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi um questionário on-line de caráter qualitativo, com um total de 36 perguntas distribuídos em 15 sessões. As sessões são divididas em: Apresentação a pesquisa; Termo consentimento livre e

esclarecido; Dados das participantes; Dados sociodemográficos; Escolaridade (tipos de pós-graduação, nível de escolaridade); Profissão, Composição familiar. Este instrumento foi construído tendo por base um questionário comumente aplicado no Centro de Referência da Mulher de Caxias do Sul em mulheres que são encaminhadas a este órgão público por denúncias de violência. Com o objetivo inicial de traçar um perfil das participantes do estudo o questionário conta com uma sessão introdutória que se denomina **Perfil Sociodemográfico**.

Desta sessão o referido perfil ficou assim delimitado: 77% das respondentes se declararam “Heterossexual”, ao passo que 23% afirmou que sua orientação sexual seria “Bissexual”. Em relação à Raça 80% declarou-se “Branca”, 65% declarou “Naturalidade” de Caxias do Sul e 100% declarou “Nacionalidade” Brasileira. Identidade de Gênero, 94% Cisgênero- 3% Intersexo, quanto ao "Estado Civil" 73% das respondentes declararam-se "Solteiras", as opções Casadas e em União estável dividiram o mesmo percentual, ou seja, 13%. Na categoria "Religião" 43% declarou-se não ter religião e 33% declarou-se "Católico". Na sessões seguintes questões sobre Escolaridade 80% das respondentes afirma ter ensino superior e 20% Pós Graduação ⁴, "Profissão" apresentou um perfil heterogêneo⁵, “Renda” 36,7% das participantes têm renda entre 1-2 salários mínimos⁶ e “Composição Familiar” 63%.das participantes afirma morar com os pais; 22,2% com o Marido e 14,8% com os Filhos⁷.

Para a análise dos resultados obtidos, a técnica escolhida para as questões objetivas do questionário foi a Estatística Descritiva, que é a etapa inicial da análise utilizada para descrever e resumir os dados cujo objetivo é gerar um grande conjunto das informações e conclusões obtidas a partir da amostra. Para complementar a análise, aplicou-se a técnica da Análise de Discurso descrita como uma prática da linguística no campo da comunicação, e consiste em analisar a estrutura de um texto

⁴ Para 20% das pós graduadas 66,7% são especializações enquanto mestrado e doutorado apresentam 16,7 % cada um. Quanto ao nível de escolaridade 66,7% completo e 33,3% incompleto.

⁵ Psicóloga, Advogada, Assistente administrativo, Auxiliar de confecção, Terapeuta holístico, Auxiliar técnica de canoagem, Administração de comércio, Modelo, Negócio, Telefonista, No setor de Tecnologia da Informação, Comércio, Academia de musculação, Professora e assessora pedagógica, Iniciação esportiva, Monitora cultural, Auxiliar de restaurante, recepcionista, Docência, Em uma academia, Instrutora de artes marciais

⁶ 10% sem renda; 20% até um salário mínimo; 16,7% 2-3 salários mínimos; 10% 3-4 salários mínimos; 3,3% 4-5 salários mínimos; 3,3% mais de 5 salários mínimos;

⁷ 14,8% Irmãos Avós, Somente mãe, Amiga, Mãe e irmão, Primo e Padrinho compõem cada um 3,7%

e a partir disto compreender as construções ideológicas presentes no mesmo. (PORTO, 2019).

Resultados

As questões subsequentes tiveram como objetivo apurar a possível ocorrência de situações de violência de gênero, tal qual a percepção das pessoas que a vivenciaram e a identificação de atos que são enquadrados como violência de gênero. A partir da 10ª sessão, cujos resultados serão expostos a partir de agora, as perguntas foram diretamente ligadas ao conhecimento e à ocorrência de atos violentos com as participantes ou com terceiros.

A primeira sessão, intitulada **Questões sobre violência de gênero**, foi composta por quatro perguntas. Para a primeira questão “Você sabe o que é violência de gênero?”, 97% das participantes do estudo respondeu "Sim", enquanto apenas 3% respondeu "Não". Na segunda questão desta sessão “Já sofreu algum tipo de violência nesse sentido no ambiente da academia?”, 80% declarou não ter sofrido nenhum tipo de violência nesse sentido, enquanto 20% afirmou ter sofrido. Para a questão sobre já ter registrado um boletim de ocorrência, nenhuma das participantes utilizou este recurso. Ainda na sessão, a última questão que a compunha, “Já se sentiu constrangida no ambiente da academia por algum comportamento de outras pessoas?”, onde estão descritas atitudes como olhares intimidadores, comentários e contatos indesejados, limitação do seu espaço, perseguição e ameaça; 63% respondeu já ter sido vítima de alguma dessas atitudes.

A segunda sessão, intitulada **Sobre a Ação**, destina-se exclusivamente para as participantes que responderam "Sim" ao fato de já ter sofrido algum tipo de atitude violenta, descrita na sessão anterior. Nesta ocasião, também existia a possibilidade de adicionar alguma situação que não foi citada, porém, vivenciada por elas no ambiente da academia. Esta sessão, por sua vez, foi composta por oito perguntas, na sua maioria de múltipla escolha. A primeira questão, que questiona quais dos atos citados anteriormente aconteceram com as participantes, 89% relatou ter sido vítima de "Olhares intimidadores"; 58% de "Comentários constrangedores"; 31% de "Contatos indesejados"; 21% de "Limitação do seu espaço (cercar)"; 26% de "Perseguir dentro da academia"; 5% “Ameaçar”.

Ainda nesta mesma sessão, são apresentadas questões sobre os autores da violência. A esse respeito, 68% das participantes respondeu que a ação descrita

anteriormente foi realizada por apenas uma pessoa, enquanto 32% afirma que duas ou mais pessoas estiveram envolvidas. Dentre os autores envolvidos na ação 74% foram identificados como "colegas" da vítima; 5% como "funcionários" da academia; 32% os próprios "professores"⁸. Em relação ao sexo do autor da ação violenta, as participantes pontuaram que estes eram majoritariamente homens, estabelecendo com as vítimas o vínculo de "conhecidos" em 74% , e o vínculo de "colegas" em 21%.

Ao serem questionadas sobre a motivação da violência e a possível auto-culpabilização pelo ocorrido, todas as participantes afirmaram não se perceberem como culpadas. Para além, dentre causas relatadas pelas participantes para a emergência de tais ações violentas, destacam-se: *"Falta de ética do professor"*; *"Maldade, apenas por ser um ambiente de muita exposição corporal"* *"Tudo uns homens abusados que se acham no direito de falar algo que nem foi perguntado pra quem eles nem conhecem."* *"Claro que não, Preconceito"*; *"Ocorreram várias situações, mas em especial durante os agachamentos e etc. Por muito tempo achei que tivesse culpa, mas hoje percebo que não tenho"*; *"Falta de limites de algumas pessoas...não me sinto culpada"*; *"Machismo"*; *"Machismo"*; *"Conversas espontâneas Machismo"*; *"Falta de respeito com as mulheres, criação machista"*.

A frequência com que as participantes relataram que esse tipo de situação ocorria, foi a seguinte: 37% afirma ter ocorrido apenas uma vez; 21% relatou acontecer algumas vezes no mês; 25% afirmou ter ocorrido esporadicamente; 15% algumas vezes na semana. A última questão desta sessão, envolvia a percepção das participantes sobre esses comportamento violentos do autor da ação com outras pessoas. Neste contexto, 53% relatou ter percebido que o referido autor age dessa forma com várias pessoas; 37% percebem que o autor age dessa forma com apenas algumas pessoas; 10% afirma que o autor age dessa forma apenas com uma pessoa, em específico, sendo esta pessoa ela mesma ou outra colega.

Seguindo com uma sessão mais adiante onde aborda questões sobre a percepção de atos ocorridos com terceiros a sessão 12 intitulada ***"Já viu isso acontecer com alguma colega?"***, 57% afirma que sim, enquanto 43% negam ter presenciado situações com as demais colegas. Dentre as descrições dos atos presenciados 65% foram olhares intimidadores; 71% comentários constrangedores;

⁸ Foram acrescentados pelas participantes, Frequentadores da academia e alunos ambos compondo 5,3% cada um

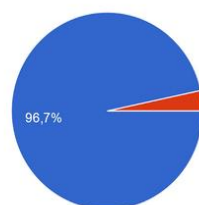
35% contatos físicos indesejados; Limitação do espaço cercando a vítima ocuparam 29% , também 29% das participantes relataram ver colegas sendo perseguidas e 11% relatou ver colegas serem ameaçadas.

A sessão que segue, intitulada **“Em caso de ocorrer algo nesse sentido com você ou com alguma colega, qual atitude você tomaria?”** aborda atitudes que as participantes tomariam frente uma hipotética situação de violência de gênero. Aqui, 40% das participantes relataram que tomariam a atitude de relatar os ocorridos para a gerência do local, 37% das participantes considerou a melhor atitude falar diretamente com o autor da ação mostrando seu descontentamento, por fim 23% das participantes considerou pedir ajuda para uma pessoa de confiança.

Discussão

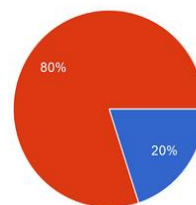
Como base para iniciarmos uma discussão faz se necessário observar os gráficos onde iniciam as questões sobre Violência de gênero e seus respectivos resultados. Para a questão "você sabe o que é violência de gênero?" 97% das participantes respondeu "Sim" enquanto 3% respondeu "Não". O segundo gráfico com a pergunta " Já sofreu algum tipo de violência nesse sentido no ambiente da academia?" 80% das respostas foram "Não", enquanto 20% respondeu "Sim". Na sequência o gráfico que traz os resultados para a pergunta " Já se sentiu constrangida no ambiente da academia por comportamento de outras pessoas? (Ex: olhares intimidadores, comentários e contatos indesejados, limitação do seu espaço, perseguição, ameaça)" apresenta os seguintes resultados, 63% das participantes respondeu "Sim" enquanto 37% respondeu "Não".

Você sabe o que é violência de gênero?
30 respostas



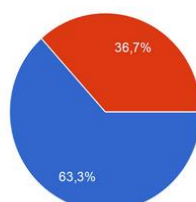
● Sim
● Não

Já sofreu algum tipo de violência nesse sentido no ambiente da academia?
30 respostas



● Sim
● Não

Já se sentiu constrangida no ambiente da academia por algum comportamento de outras pessoas ? (E... seu espaço, perseguição, ameaça)
30 respostas



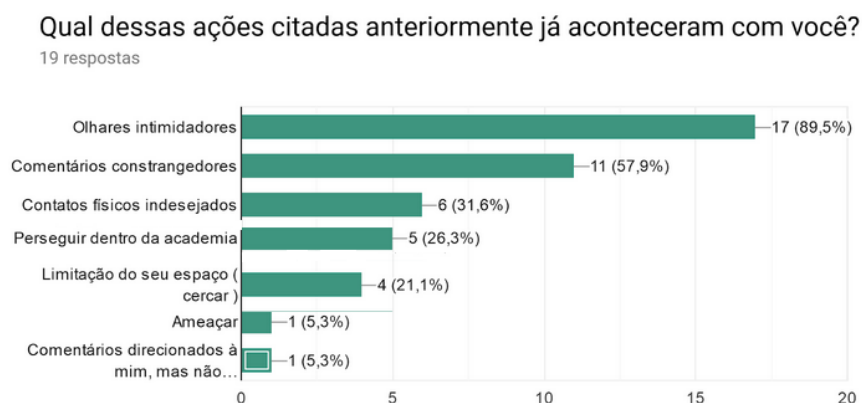
● Sim
● Não

Para que seja possível traçar um perfil real da ocorrência de casos de violência de gênero é importante correlacionar essas 3 primeiras informações. Nestas, podemos observar que as pessoas, em sua maioria, alegam saber o que é violência de gênero e que, possuindo esse conhecimento, nunca foram vítimas desse tipo de violência. Porém, instala-se aqui uma possível contradição que pode ser pontuada a partir das próximas respostas do questionário. As mesmas respondentes que, em sua maioria alegou nunca ter sofrido violência de gênero, relatam que já foram vítimas de atitudes como constrangimentos, perseguições, ameaças, olhares intimidadores, entre outros. Essa dissociação entre estas duas respostas pode indicar que as pessoas não entendem tais atitudes como uma violência realizada contra elas apenas pelo fato de serem mulheres, tornando-se condescendentes com a situação. De outro modo, essa incoerência encontrada no conteúdo das respostas das participantes, pode ser indicativa de um estigma com a expressão "violência de gênero" ou até mesmo, uma recusa em reconhecer-se alvo de uma violência.

O estudo **“O conhecimento sobre a violência de gênero entre estudantes de Medicina e médicos residentes”** por Luciana de Moraes Vicente, Elisabeth Meloni Vieira, realizado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo no ano de 2004, tinha por objetivo, quantificar o saber sobre violência de gênero em estudantes de medicina e médicos residentes bem como suas habilidades para identificar e manejar os casos. O estudo foi desenvolvido com a aplicação de um questionário elaborado com três etapas a primeira abrange conceitos e definições do tema e dados sociodemográficos dos participantes. As conclusões do estudo apontam que menos da metade desses profissionais da saúde possuem um conhecimento elevado sobre violência de gênero, dos que apresentaram um alto conhecimento sobre o assunto foram exatamente pessoas que já foram vítimas de violência durante o período de sua graduação.

O estudo denominado **“Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde na Grande São Paulo”**, dos autores Lilia Blima Schraiber, Ana Flávia P L D'Oliveira, Márcia Thereza Couto, Heloisa Hanada, Ligia B Kiss, Julia G Durand, Maria Inês Puccia, Marta Campagnoni Andrade, realizado na Grande São Paulo, entre 2001-2002, com o objetivo de Estimar a prevalência de violência contra mulheres (física, psicológica e sexual), por parceiro íntimo ou outro agressor, entre usuárias de serviços públicos de saúde e contrasta-la com a percepção de ter sofrido violência e com o registro das ocorrências nos serviços

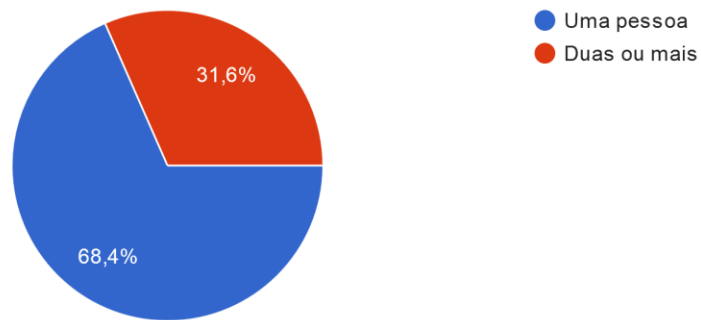
estudados, realizou questionários em 19 serviços de saúde selecionados por conveniência e agrupados em 9 sítios de pesquisa na grande São Paulo, questionários esses sobre violência sofrida alguma vez na vida, no último ano e agressor foram aplicados à amostra de 3.193 usuárias de 15 a 49 anos. As prevalências diferiram entre os sítios de pesquisa, bem como a percepção e registro das violências. Sendo assim os autores concluem que a esperada alta magnitude do evento e sua invisibilidade foram confirmadas pelas baixas taxas de registro em prontuário. Constatou-se ser baixa a percepção das situações vividas como violência. Sugere-se que sejam feitos mais estudos na área sobre o assunto para melhores conclusões.



As mulheres que relataram ter sofrido alguma forma de violência (63%) apontaram que as principais formas dessa violência, foram olhares intimidadores (89%) e que foram alvo de comentários que as deixaram constrangidas (58%). Este tipo de ataque sutil é de difícil comprovação, pois caso a vítima já não o espere e esteja preparada para o acontecimento ela não irá conseguir produzir provas contra seu agressor. Neste caso a vítima terá que recorrer a relato falado ou a alguma outra pessoa, constituindo um ciclo onde a pessoa se vê totalmente desamparada de ajuda, deixando um abusador impune.

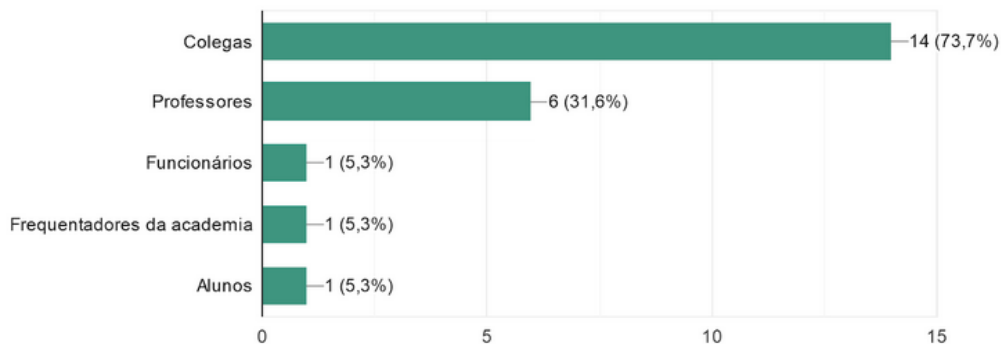
Quantos autores estavam envolvidos na ação?

19 respostas



Quem foram os autores dessa ação?

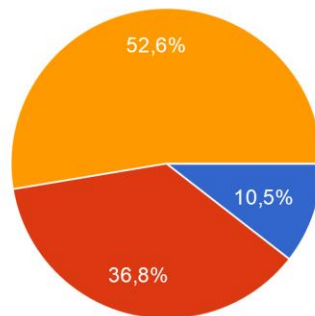
19 respostas



A maioria das agressões foi realizada por uma pessoa (68%), sobre o perfil do agressor, podemos relacionar principalmente que em maior quantidade são colegas de prática da pessoa agredida (74%). Porém, não podemos deixar de pontuar o fato de que 6 pessoas (32%) foram agredidas por um Profissional de Educação Física, um agente da saúde que deveria zelar pelo bem estar físico e psicológico das pessoas ao seu redor. Essa percepção pode ainda ser agravada quando entramos no mérito do dano da quebra da relação entre professor e aluno. Sobre o gênero do autor 100% (19) das mulheres afirmaram sofrer agressões de homens e 10%(2) também de outras mulheres.

Sobre o(s) autor(es) da ação, você percebe que:

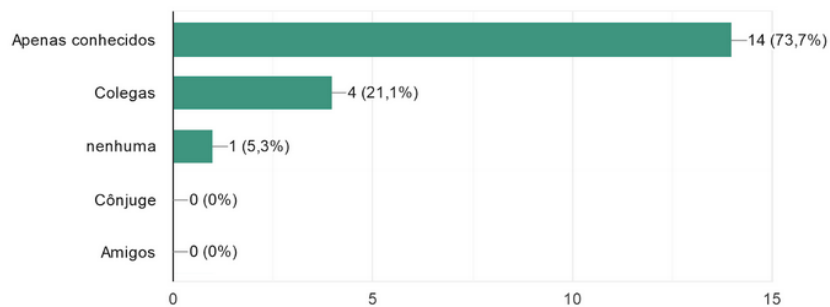
19 respostas



- Age dessa forma só com uma pessoa (você ou uma pessoa em específico)
- Age dessa forma com algumas pessoas
- Age dessa forma com várias pessoas
- Age dessa forma com todos

Qual o vínculo dos envolvidos na ação com você?

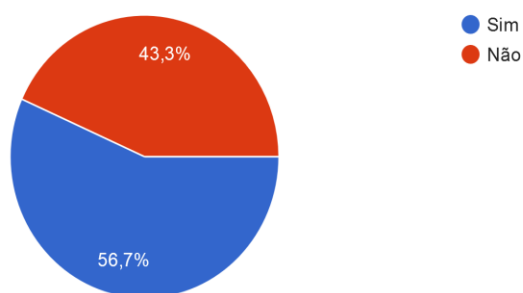
19 respostas



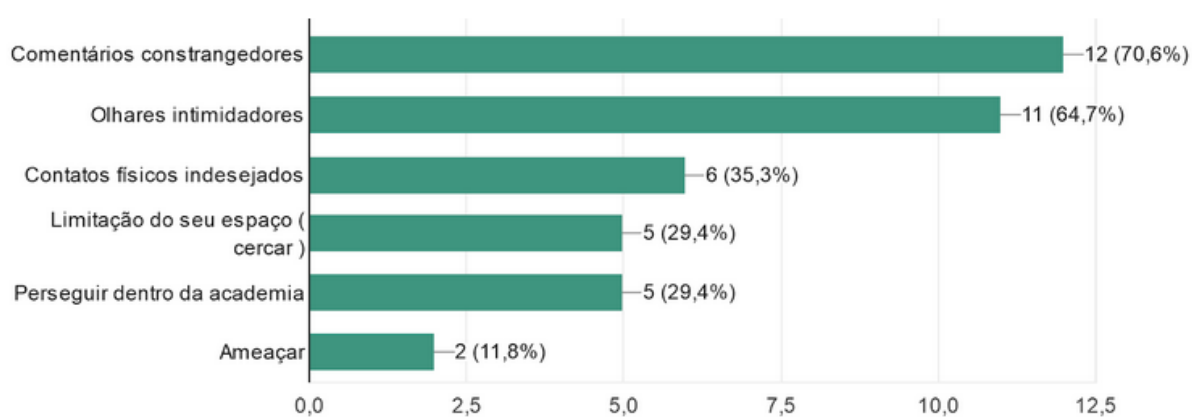
As respostas recebidas apontam um agressor com um vínculo distante da vítima, tendo vítima e agressor apenas ocupado o mesmo espaço, ou seja, o espaço da academia. É possível observar, também, que a maioria dos agressores repete esse padrão de comportamento não apenas com a vítima, mas também com outras pessoas ao seu redor.

Sobre Presenciar situações de violência de gênero com outras pessoas:

30 respostas



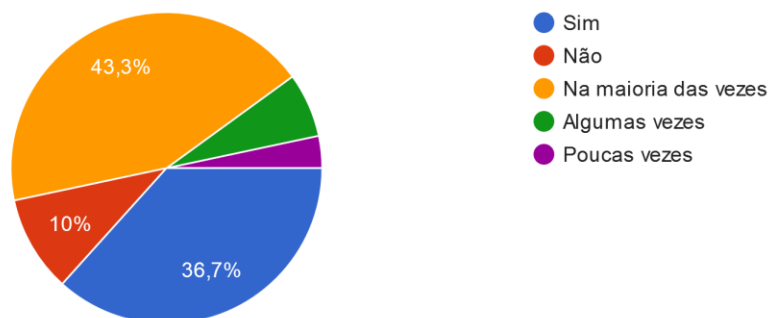
17 respostas



É possível observar que das 30 respondentes 17 (57%) presenciaram situações de violência com colegas no ambiente da academia. Dentre as ações violentas, as mais destacadas foram: comentários constrangedores (71%) e olhares intimidadores (65%).

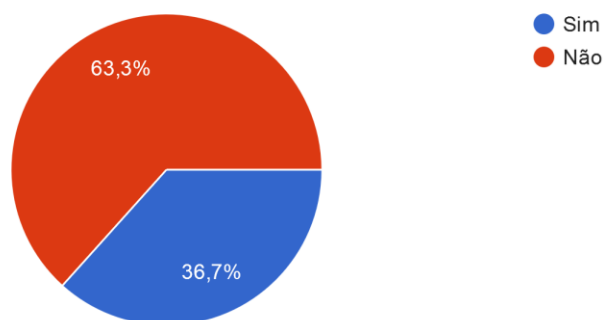
Você se sente segura e confortável para exercer suas atividades no ambiente da sua academia?

30 respostas



Já pensou em trocar de academia por se sentir desconfortável com alguma atitude como a relatado anteriormente...do seu espaço, perseguição, ameaça)

30 respostas



Ainda foi levantado o questionamento sobre a percepção das participantes da pesquisa sobre o quão segura e confortável elas se sentem durante sua prática de exercício físico. Destas, apenas 37% declarou-se confortável e segura, ao passo que 43% declarou-se segura na maioria das vezes, mostrando que existe um clima de insegurança, mesmo que sazonalmente. Como profissionais de Educação Física é importante unir esforços para reverter esse quadro e tornar os locais de atuação ambientes mais humanizados e seguros para todos aqueles que os frequentam.

Das participantes 37% pensou em trocar de academia por causa de atitudes de violência de gênero. Isso também ressalta o fato de que agressões desumanizadoras, como a violência de gênero, além de ter o potencial de causar escaras psicológicas na vítima, ainda pode fazer com que a pessoa abandone as

práticas que um dia foram prazerosas para ela. Potencialmente, esta vítima cai em uma espiral de alienação tornando-se uma espécie de prisioneira tendo que evitar os espaços que frequentava para que não seja novamente alvo de seu agressor.

O estudo denominado "**Análise dos casos de violência contra mulher**" dos autores Paulo Roberto de Mattos, Ivoney da Silva Ribeiro, Vania Carla Camargo, realizado no município de Pinhais - Paraná, de março de 2009 a abril de 2010, analisou informações sobre casos notificados ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), com mulheres que foram vítimas de violência na faixa etária compreendida entre 18 a 59 anos, entre março de 2009 e abril de 2010, totalizando 200 casos notificados. Os resultados mostraram que em sua maioria os casos de agressão foram causados pelo próprio companheiro, em contraponto a mulheres jovem e com baixo grau de escolaridade; o tempo de sujeição mais frequente à situação de violência variou entre três e quatro anos. As agressões mais frequentemente ocorreram em dois dos bairros do município e na casa da vítima e eram agressões caracterizadas como físicas e psicológicas; a utilização da força física foi mais comum, os locais do corpo mais atingidos pela ação foram membros e cabeça. A maioria das vítimas não opinou sobre o desejo, ou não, de se reconciliar com o agressor. Os resultados obtidos no estudo reiteram que a violência contra a mulher é um fato relevante no município em que o estudo foi aplicado, pelo resultado do contexto onde envolviam as características da agressão e do agressor, e as consequências observadas. É necessário que se incentive mulheres em situação de violência a buscar ajuda em locais que tenham conhecimento científico para oferecer um suporte adequado à vítima, com acessibilidade e possível acompanhamento para reabilitação de possíveis transtornos decorrentes da agressão sofrida. Os profissionais envolvidos neste processo, desde o primeiro relato até o atendimento em hospital, se necessário, devem ter uma conduta de amparo acolhendo e encorajando a vítima para uma procura de seus direitos. Para promover o registro da vítima completo e com informações relevantes, é de extrema importância um atendimento humanizado que possibilite sentir-se confortável e segura para prosseguir com a ação, tornando assim as informações mais detalhadas para a caracterização desse tipo de violência.

Conclusão

O estudo teve um número de respondentes limitado, mesmo com as facilidades que a internet proporciona pessoas não quiseram responder ou não o fizeram pelos critérios de exclusão. Sobretudo, chama-se a atenção da delimitação do espaço e de que programas de exercício físico não têm uma capilaridade minimamente satisfatória na vida das brasileiras e dos brasileiros, notadamente atingidos pela retração econômica que atualmente nos encontramos. Os resultados mostram ocorrências de violência de gênero no ambiente da academia, em Caxias do Sul, destacando-se: comentários constrangedores (71%), olhares intimidadores (65%) e contatos físicos indesejados (35%). De forma instigante, merece destaque o fato de que as pessoas que sofreram este tipo de violência não conseguem ou não querem se ver como vítimas. Como profissionais da saúde é imprescindível que tomemos atitudes conjuntas para enfrentar essa grande contradição que assola nossa classe. Cabe aqui o questionamento: e se nossos espaços de saúde não forem seguros para todas as pessoas?

Nossa sociedade vive constantes ciclos de mudanças e reações. Se hoje temos uma perspectiva de uma sociedade que ao mesmo tempo exige de uma pessoa uma interpretação de papéis de gênero, acoplados a expectativas no ambiente do trabalho, no ambiente familiar, no lazer e na produção cultural; não é necessário muito para se conseguir identificar mudanças nos comportamentos das pessoas em nossa história recente. No entanto, o que leva uma pessoa a impor de sua condição social e invadir o espaço da outra, se valendo de violências físicas, psicológicas e sexuais? Seja ele alguém próximo ou ainda alguém que, na condição de profissional, jurou proteger e cuidar.

Este estudo não conseguirá, sozinho, solucionar o problema da violência de gênero. A violência em nossa sociedade não é algo que possamos facilmente destruir e seguir em frente. Profissionais de Educação Física precisam discutir em seus espaços qual o objetivo real de suas atuações, qual o tipo de ambiente que se deseja criar, não apenas uma “vitrine de corpos” a ser explorada por sua imagem, mas sim um ambiente democrático no qual a população possa exercitar sua individualidade e promover sua saúde. Espera-se que este estudo possa contribuir para o avançar das discussões acerca da temática. Na mesma direção, propõem-se que mais estudos sobre a condição humana nos ambientes da Educação Física, sejam realizados.

Referências

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL. Decreto-Lei 3688, de 3 de outubro de 1941. Código Penal. Vade Mecum Saraiva. 15ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

GROSSI, Patrícia Krieger (Org.). **Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. 2. ed., atual. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 226 p. ISBN 9788539702091.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1993. 347 p. ISBN 8521900090.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2 v.

ALMEIDA, Guilherme. Identidade de gênero com ênfase nas pessoas trans:: particularidades e acesso a saúde, trabalho e educação. In: NOGUEIRA, Leonardo et al (Org.). **Hasteemos a bandeira colorida: Diversidade sexual e de gênero no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 159-185

SAFFIOTI, Heleieth I.b.. Cadernos pagu (16) 2001 : pp. 115-136. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.115-136, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2018.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BASTOS, João Luiz Dornelles; DUQUIA, Rodrigo Pereira. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: Estudo transversal. *Scientia Medica*, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p.229-232, dez. 2007

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 2016. Disponível em: <<https://bv4.digitalpages.com.br/?page=1&ion=0#/legacy/9788559720211>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1º ed. 21 reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 104 p. ISBN 8532605869.

THUMS, Jorge. **O acesso à realidade: técnicas de pesquisa e construção do conhecimento**. 3.ed. rev. e atual. Canoas, RS: Ed. da ULBRA, 2003. 232 p. ISBN 8520502504.

SCHRAIBER, Lilia Blima et al. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, p. 359-367, 2007.

PORTO, Gabriella. **Análise do Discurso**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/linguistica/analise-do-discurso>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

VICENTE, Luciana de Moraes et al. O conhecimento sobre a violência de gênero entre estudantes de medicina e médicos residentes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 33, n. 1, p. 63-71, 2009

MATTOS, Paulo Roberto de; RIBEIRO, Ivoney da Silva; CAMARGO, Vania Carla. **ANÁLISE DOS CASOS NOTIFICADOS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER**. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare>>. Acesso em: 16 dez. 2012.